

Bara
Colagem digital por Carlos Pereira, 2023.



CORPOREI

DADDES

CARTA AO MEU CORPO

Ariane Moreira

Querido corpo,

Escrevo essa carta pra ti pela quarta vez nessa semana, nem imaginava que tinha tanto para te dizer e para pensar sobre nossa trajetória. A experiência de pesquisa tem atravessado tua existência por todos os poros da pele que te cobre e tem vezes que a travessia é tão bruta e necessária, que teu estômago estranha e devolve o alimento que te ofereci na tentativa vã de distrair pensamentos indesejados.

Eu preciso cuidar melhor de ti, pois se eu não o fizer o mundo conseguirá te destruir. Não consigo te explicar muito bem o porquê desse desejo insano da sociedade de aniquilação da tua existência.

Temo por ti. Temo que te violem, que te agridam e que te maltratem pelo simples fato de ser como és. Já tivemos medos quase paralisantes, quando vamos a locais que não são convidativos. Já tive medo de te expor à solidão, mas não porque tua presença é ruim, e sim porque sempre podia aparecer alguém com a intenção de te violar, mas hoje te vejo forte. Te vejo capaz de enfrentar esses medos que são da tua versão mais jovem, te vejo tranquilo em não permitir que teus limites sejam ultrapassados, te vejo com autonomia e, cada vez, te conheço mais um pouco, mais intimamente te sinto, e isso diminui os medos.

Gosto muito de pensar sobre território, talvez sejam resquícios de minha convivência com um estudante de geografia viciado em pensar territórios e guerras. Às vezes demasiadamente. Eu não gosto de pensar sobre isso. Quando penso sobre guerras, sempre te vejo na linha de frente delas, nem sempre liderando, mas com certeza agindo. Sei lá... acho que tu foste condicionado a isso e isso se tornou quase que “natural”, afinal de contas nunca temos tempo a perder. Parafraçando Emicida, “é tudo pra ontem!”

Mas sabe o que mais gosto em ti? A tua capacidade de “transicionar”. Sabe aquela coisa que as pessoas tanto admiram e elogiam em ti? Aquele algo que te faz único e ao mesmo tempo coletivo. Talvez seja isso que a Gloria Anzaldúa descreve como uma nova consciência mestiça ou até mesmo a condição de *outsider* descrita pela Patricia Collins. Tu experimentas o mundo de uma forma diferente, e não porque teus sentidos sejam diferentes dos outros seres humanos, mas porque tua existência está condicionada ao meio em que tu nasceste, cresceste e se desenvolve.

Espelhos
Desenho por Roberta Gil, 2023.





Espelhos
Desenho por Roberta Gil, 2023.

Aprendi contigo a sentir e reconhecer olhares, cheiros, sabores, toques... era preciso para sobreviver. Tu estás inserido num lugar tão paradoxal, num espaço-tempo em que tudo parece conviver, em que tudo é possibilidade e minha maior dificuldade é equilibrar isso sem te perder.

Eu te amo, corpo! Aprendo muito sobre como é tua existência observando a existência dos outros, como um espelho que revela as semelhanças e as diferenças. Não sei se é a forma correta, mas meu pensamento funciona assim e tem sido desafiador não partir do outro para te definir. Aprendi na Yoga a te perceber, e tu és perfeito! Eu quase sempre me emociono quando te sinto, quando vejo o pulmão expandir, quando te vejo por dentro e tudo funciona bem, sem restrições.

Aahh, se o mundo te visse como eu te vejo! As tuas texturas, os teus tons, os teus movimentos e as tuas expressões sempre me trazem memórias, geralmente boas, exceto quando os outros aparecem para “anuviar” o pensamento. Na terapia, te encontrei como minha morada. Já que há uns bons anos não tenho residência fixa, tu tens sido a melhor morada que existe. Por muito tempo, eu tenho tentado te modificar, parecer com o outro, aquele outro que não conhece os becos, os tiros, a insegurança, as ausências, a preterição, o racismo. O que me consola é saber que esse outro também não conhece a magia, a ancestralidade, o axé, o vazio como espaço de criação, os arrepios ao som do tambor, o movimento quase involuntário de teus quadris. As ausências dos outros corpos são diferentes das tuas, a diferença é que te ensinaram o que fazer com as faltas; te ensinaram a procurar onde ninguém procura, olhar para onde ninguém olha...

Me alinhar a ti e aprender sobre teu funcionamento sistêmico, com os ciclos lunares, marés e plantas, torna tua existência menos pesada e dependente do conhecimento dos outros. Eu ainda estou investigando por que a sociedade em que tu vives se dedica tanto a controlar os corpos com útero, sobre as tecnologias que essa sociedade utiliza para ter esse controle e como isso se reflete na tua vivência, querido corpo.

É difícil sobreviver a uma cultura que te odeia tanto, mas tu tens te saído bem. Tudo que é odiado em ti, todo o cerceamento e todas as obrigações que disseram que tu tens, tudo o que chamam de doença e de impuro no que tu produzes é mentira. E aproveita esses territórios que atravessam a tua história, mas não estabilizam a tua presença.